

## **"As Mulheres dos Outros: Menoridades Legais, Cívicas e Culturais"**

Manuela Ivone Cunha

A emergência de algumas práticas culturais conotadas com minorias ou comunidades saídas da imigração e susceptíveis de serem perseguidas como crime parecem colocar novos desafios aos aparelhos legislativos e judiciários. Porém, ainda que nalgumas delas seja iniludível a tensão entre cultura e universalismo liberal, a resposta a tais desafios é especialmente vulnerável às armadilhas a que induz um debate público habitualmente organizado em dicotomias simples e extremadas tais como cultura / indivíduo; relativismo / universalismo; diferença cultural / direitos humanos ou direitos das mulheres. A partir de uma problematização da noção de cultura e de uma complexificação destas dicotomias, procurar-se-á focar algumas dessas armadilhas a propósito dos cortes genitais femininos, bem como as desigualdades – quando não a xenofobia -- que elas escamoteiam. É assim possível gerar-se o paradoxo de, em certos casos, a criminalização absoluta da chamada Mutilação Genital Feminina em nome dos direitos das mulheres minorizar as mulheres de etnicidades minoritárias e diminuir as liberdades individuais destas.

---

## **Branqueamento rosa de vidas " inumanas": O conflito israelo-árabe entre a misoginia e a homofobia**

Shahd Wadi

Em Maio de 2011, o primeiro-ministro israelita fez um discurso ao congresso dos Estados Unidos da América, no qual afirmou que, numa região como o Médio Oriente, "onde as mulheres são apedrejadas, os gays são enforcados, os cristãos são perseguidos, Israel destaca-se. Israel é diferente." Apesar de ser um corpo estranho introduzido no espaço do Oriente, Israel reproduz o discurso de uma xenofobia europeia, na qual o Ocidente (onde Israel se auto inclui) é considerado "desenvolvido, democrático e moderno" enquanto o Oriente é considerado "subdesenvolvido, misógino e homofóbico". Israel não só reforça esta ideia, ignorando as práticas discriminatórias da sua própria sociedade, como também a utiliza deliberadamente como poderoso instrumento estruturante no conflito Israelo-Árabe.

Identificar o mundo árabe com o desrespeito pelos direitos das mulheres e pelos direitos LGBT é uma estratégia usada para apagar as violações dos direitos

humanos do povo palestino, que ficam ocultos atrás de uma imagem de um "Israel moderno", algo que foi designado por alguns grupos *queer* como branqueamento rosa (pinkwashing). Pretende-se observar os projetos israelitas de "pinkwashing", altamente financiados pelo Estado, e analisar uma representação que transforma os ataques israelitas numa "guerra justa" contra uma "cultura sanguinária". Trata-se de uma representação que – invocando a definição do humano de Butler (2004) – nega a humanidade a certos tipos de seres humanos, atribuindo-lhes o estatuto de seres cuja morte não merece ser chorada.

---

### **""Vocês são mesmo assim!" A hiper-ritualização das 'outras mulheres'"**

Teresa Toldy

A comunicação visa analisar formas de apresentar as mulheres islâmicas e muçulmanas na comunicação social. Recorre-se, para tal, ao conceito de "hiper-ritualização", isto é, de "estandardização, no exagero e na simplificação que caracteriza os ritos", bem como às categorias propostas por Riggins (1997) e outros autores para análise de discursos de exclusão, baseados na "retórica de alterização" (*the rhetoric of othering*). Por discurso entende-se "um corpo sistemático de representações, com consistência interna, no qual a linguagem utilizada constitui uma representação de determinada prática social encarada de acordo com determinado ponto de vista" (Riggins). Na perspectiva deste autor, os discursos não reflectem fielmente a realidade como se fossem espelhos. Eles constituem artifícios de linguagem construtores da própria realidade que pretendem reflectir. Procurar-se-á, pois, analisar a forma como o discurso é articulado com a imagem, em artigos de imprensa, de forma a "hiper-ritualizar" a "diferença" e o estereótipo.